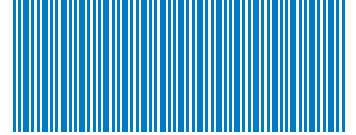


Editorial

Em uma célebre entrevista concedida ao jornalista Joel Silveira, o escritor Graciliano Ramos comparou seu ofício ao das lavadeiras, afirmando que ambos exigiam o mesmo procedimento. Com tecidos ou palavras, um bom trabalho dependeria de uma sucessão de ações de limpeza antes de se pôr a roupa para secar no varal ou a folha para descansar na gaveta – e um dia tornar-se texto publicado. Ele terminou sua comparação com uma afirmação peremptória: “A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer”. Tal passagem, citada no texto *Autobiografia e representação de si mesmo: Graciliano segundo Graciliano*, de Márcia Vescovi Fortunato, diz muito sobre a preocupação desse escritor com a precisão da linguagem. Em seu artigo, a autora estabelece um diálogo entre a obra *Infância* e os dilemas que envolvem o gênero autobiográfico quando praticado por um escritor que, sem deixar de ser fiel ao relato de sua vida, persiste em busca da forma literária.

A associação entre história de vida e expressão artística também está presente no artigo de Maria Alice Nogueira Couto, intitulado *Leitura e oralidade: algumas possibilidades na educação de adultos*, no qual se relata uma experiência ocorrida no âmbito da educação de jovens e adultos (EJA). Com o objetivo de valorizar os saberes dos alunos – fortemente centrados na oralidade – em uma atividade de leitura e escrita, uma visita ao Museu da Língua Portuguesa motivou um trabalho sobre o poema *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias, e outras *canções de exílio* escritas por poetas como Murilo Mendes, José Paulo Paes e Oswald de Andrade. À luz desses poemas, cada aluno criou sua própria *canção do exílio* de acordo com sua leitura de mundo.

Na sequência, dois artigos oferecem reflexões de certa forma complementares sobre outro gênero de texto bastante frequente no ambiente escolar e em demais contextos: o artigo de opinião. Tanto o trabalho de Cíntia Cardoso de Siqueira, *O uso de expressões nominais no artigo de opinião*, quanto o de Isabel Fernandes, *O artigo de opinião no ensino médio: onde estão os conectivos?*, buscam, a partir da análise de artigos publicados

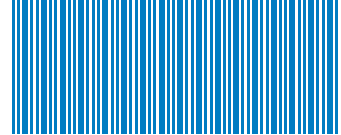


na imprensa, identificar os elementos textuais que dão coerência e efetividade ao ponto de vista que um autor pretende defender.

Assim como as outras edições de Veras, esta também se dedica ao tema da formação de professores, sob três diferentes aspectos. O artigo da pesquisadora Zilma de Moraes Ramos de Oliveira, denominado *Formação e profissionalização de professores da educação infantil*, combate os três principais argumentos daqueles que não veem necessidade de haver professores especializados em creches e na pré-escola. A contribuição de Cláudia Lopes da Silva dá-se no campo da neurociência e suas intersecções com a didática. Em *Professores pensando sobre neurociência e educação*, a autora relata uma oficina ministrada a docentes na qual estes foram apresentados aos conceitos mais importantes dessa área do conhecimento, bem como a alguns *neuromitos*, ou seja, simplificações pseudocientíficas que atrapalham mais do que ajudam. Já a experiência feita por pesquisadores dos cursos de Ciências Biológicas e Educação Física da Universidade Presbiteriana Mackenzie, *Estudo do meio em Campos do Jordão: um trabalho interdisciplinar e metacognitivo na formação inicial de professores*, apresenta um estudo do meio realizado com futuros docentes na Serra da Mantiqueira. Integrando teoria e prática, o trabalho propiciou a estudantes de licenciatura a reflexão sobre as próprias aprendizagens e sobre o potencial desse tipo de estudo no ensino básico.

Outro relato inspirador vem de Maria Luiza Gabriel da Silva e Eliana Maria Ormelezi, autoras de *Metodologia do trabalho pessoal: uma proposta inclusiva de ensino para o aluno com deficiência intelectual*. A experiência, nesse caso, envolveu um garoto de 13 anos com deficiência intelectual que iniciou o 6º ano precisando de ajuda para realizar ações supostamente simples, como colocar ou tirar uma blusa, e apresentando dificuldade para se comunicar com seus colegas. As autoras mostram como a execução de um trabalho pessoal supervisionado gerou progressos significativos na aprendizagem e na sociabilização do aluno.

Para encerrar os artigos desta edição de Veras, temos a contribuição da pesquisadora Lisandra Ogg Gomes com o trabalho *É necessário integrar as crianças à sociedade?*, que problematiza o lugar ocupado pelas crianças no mundo contemporâneo. Referenciando-se na sociologia da infância, a autora argumenta que esta fase da vida ainda ocupa uma posição secundária no debate e nas práticas sociais.



Por fim, a sessão de resenhas indica a leitura de três instigantes livros: *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga, apresentado por Carlos Pires e Ana Lúcia Madsen Gomboeff; *A mulher que matou os peixes*, de Clarice Lispector, comentado por Carlos Pires, Rafaella Natalício e Renata Grinfeld; e *Nudge: o empurrão para a escolha certa*, de Richard H. Thaler e Cass R. Sunstein, sob a apreciação de Adriana Rodopoulos.

Desejamos uma boa leitura a todos!

Renata Lopes Costa Prado e Ricardo Prado (Editores)
Magdalena Viggiani Jalbut (Coordenadora do Instituto Superior de Educação Vera Cruz)

